



A discussão em torno de projetos "maiores" e "menores" agitou a reunião de ontem do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do DF

DF-Cultura

Polêmica no Conselho Deliberativo da FCDF "enriquece a produção"

Os problemas surgidos no interior do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do Distrito Federal, com a aprovação dos chamados projetos "maiores", que poderiam ter prejudicado as pequenas iniciativas locais, pelo menos tiveram o mérito de agitar o debate entre os conselheiros na reunião de ontem pela manhã.

Em matéria publicada pelo **CORREIO**, o conselheiro Carlos Augusto (o Cacá), denunciou a "centralização" do Comitê Executivo da FCDF e o acusou de sustentar iniciativas grandiosas sem uma ampla discussão, as quais denominou de "projetos faraônicos".

Na opinião da conselheira Lais Aderne, "se o Conselho fosse homogêneo ele seria muito pobre. A polêmica pode enriquecer a nossa produção". Outro conselheiro, Expedito Quintas, esclareceu que a Associação Educativa Psicossomática, que administra a UniverCidade, principal questionamento de Carlos Augusto, já funciona desde o início da aprovação do projeto pelo Conselho e, atualmente, "mantém mais de 800 alunos e cerca de 30 cursos". Diante disto, o Conselho decidiu, ontem, que esta associação continuará à frente da UniverCidade até que nova licitação seja aberta para estabelecer outra concorrência. Dependendo da inscrição de outras empresas, ou firmas interessadas no projeto, o grupo continuará, ou não, desde que todos concorrentes preencham os requisitos do projeto inicial.

Tanto para Lais Aderne, quanto para Expedito Quintas, as discussões atuais do Conselho refletem o momento de crise que a cidade está

vivendo. Lais enfatiza este ponto citando como exemplo a greve da UnB, que "não deixa de provocar reflexos na área cultural da cidade".

O diretor da Fundação, Reynaldo Jardim, lembrou que o "desconforto" de Carlos Augusto é pouco representativo dentro do Conselho e que sua atitude foi "pouco ética" ao procurar a imprensa para dar declarações sobre as questões internas do Conselho, sem a presença de seus outros quatro colegas. Reynaldo informou que as verbas para os projetos "menores" sempre existiram, embora a Fundação tenha feito esforço maior no sentido de se angariar verbas extra-orçamentárias com o apoio, inclusive, do Governo do Distrito Federal, para encaminhar os projetos de maior abrangência e de duração determinada.

REVOLUÇÃO

Apesar de ser a Fundação Cultural uma pirâmide, Reynaldo Jardim faz restrições ao fato de que os projetos maiores da FCDF sejam denominados "faraônicos". Para ele, este termo significaria uma coisa grandiosa mas inútil, "o que não é o caso da UniverCidade, uma idéia que procura servir à população do Distrito Federal, através de um leque aberto de atividades relacionadas com o corpo, a mente e o espírito".

Reynaldo Jardim chama a UniverCidade de um projeto abrangente que encerra uma idéia acalentada tanto por ele mesmo como por outras "pessoas da comunidade", que se propõem a realizar uma "revolução cultural" no Distrito Federal,

adequando as atividades locais à posição de cidade que é, "afinal, a capital do País".

Diante das críticas e das reclamações do conselheiro Carlos Augusto, Reynaldo se limita a dizer que, em primeiro lugar, "estas idéias e projetos maiores são todas submetidas ao Conselho e devidamente aprovadas. Em segundo lugar, as verbas dos projetos maiores não existem em detrimento do orçamento básico, mas resultam de buscas extra-orçamentárias, inclusive de acordo com o próprio Governo do Distrito Federal que se empolga também com o projeto".

Sobre a questão da Associação Educativa Psicossomática, que gere o projeto e administra os cursos, Reynaldo informa que a Fundação não teria em seu quadro pessoal capacitado para dar essas aulas que são oferecidas, daí a idéia de se encontrar um organismo capacitado. A escolha foi feita por licitação pública e a Associação, única candidata, preenchendo na ocasião todos os requisitos propostos, ganhou a concorrência".

Aos descontentes, Jardim convida a uma "abertura de percepção", avisando, ainda, que o projeto sempre esteve aberto a qualquer pessoa que queira propor ou realizar um curso, desde que devidamente submetido à aprovação de uma comissão "composta por membros da Fundação e da Comunidade". Reynaldo explicou, também, que as verbas da Fundação são divididas para o ano inteiro, ao contrário do que vinha acontecendo anteriormente, quando no meio do ano acaba-

vam os recursos e muitos projetos eram rejeitados.

Com um planejamento trimestral, o diretor da Fundação Cultural pretende, em curtos períodos, realizar a aprovação dos pequenos projetos que não estariam sendo prejudicados pela UniverCidade. Jardim cita a UnB, que nunca foi criticada, mas elogiada, ao propor a criação de uma Universidade Latino-Americana, que como o projeto UniverCidade, se proporia a uma atuação mais abrangente dentro do contexto educacional.

LEI SARNEY

A companha para captação de recursos, baseada na Lei Sarney, lançada ontem pelos jornais e pela TV, já rendeu resultados à Fundação Cultural do DF. Durante o dia de ontem, a diretoria da FCDF recebeu vários telefonemas de contribuintes do Imposto de Renda interessados em fazer doações. O que o Governo do Distrito Federal está fazendo, deveria ser também u preocupação do Ministério da Cultura, de uma maneira geral, para mostrar que existem dezenas, ou centenas, de instituições, como a Fundação, que podem receber esse tipo de recurso.

Segundo o anúncio institucional do GDF, o limite máximo para a doação é de 10% da renda bruta. O contribuinte pode abater até 100% das doações; 80% do valor do patrocínio e 50% do valor dos investimentos. Toda doação deve ser feita até o dia 31 de março, prazo limite para a entrega da declaração do Imposto de Renda, para quem tem imposto a pagar.